

Luiz Carlos Lima  
UERJ - Letras

"Mas, que seria a arte, se renunciasse à lembrança de todo sofrimento acumulado?"

Adorno (Teoria Estética)

Nesta sociedade em que todas as promessas de felicidade não conseguem se cumprir e, quando se cumprem apenas nos dão uma felicidade de segunda-mão, nos interessa um discurso sobre Machado, mas um discurso que conduza a Machado, com as armas que ele mesmo coloca à nossa disposição. Em sua verdade Machado não pertence apenas à história da literatura, mas fundamentalmente pertence ao passado, presente e futuro daquilo que podemos chamar de história da cultura brasileira. Temos que caminhar por Machado em trajes civis, sem os uniformes das instituições, os fardões da imortalidade e, talvez mesmo sem os robes de chambre que a razão iluminista vestiu no Brasil.

Hegel, numa carta célebre, diz que toda a sua tentativa era fazer com que a filosofia falasse alemão. Nós podemos dizer que toda a tentativa de Machado consistiu em fazer com que a literatura no Brasil se fizesse literatura brasileira. A nossa tentativa, aqui por sua vez, apenas pode ser uma aproximação, ou melhor ainda, uma consideração anatréptica.

Se como afirma Hegel, a história não é o lugar da felicidade, é com este sentido que podemos fazer a metacrítica da cordialidade enquanto conceito fundamental ou imperativo normalizador do comportamento brasileiro. À margem da luta de classes, numa sociedade onde a divisão social do trabalho assumiu as formas mais perversas, Sérgio Buarque faz emergir a cordialidade como paradigma e como sendo a contribuição brasileira para a civilização. Já Dante Moreira Leite percebida que o mito do homem cordial constitui, na nossa formação social, o que ele chamou muito bem de

"caráter de fuga", para enfrentarmos os problemas reais. A cordialidade só pode ser compreendida por nós como o apanágio de uma sociedade baseada na lei do chicote e que funda tão somente o reino da não-liberdade. Por trás da máscara da cordialidade o pau quebra, o pau come. E como lembra Lukács, "em épocas de transição, as forças fundamentais da auto-reprodução social ficam mais aparentes". Torna-se portanto mais fácil surpreender o teor de verdade que os fatos podem pretender colocar no escuro.

Contrariamente ao que escreveu Eugênio Gomes no seu "Testamento Estético de Machado de Assis", podemos afirmar que não há metafísica em Machado. O pensamento metafísico configura sempre uma ordem externa e superior ao universo para qual este caminharia e na qual encontraria a sua justificação e finalidade. A metafísica aponta para uma ordem cósmica e para um deus que acima de tudo desdenha pensar e não se submete aos perigos da reflexão. Não há em Machado um deus oculto, nem mesmo um deus enganador. Por isso podemos afirmar que Machado não é um caso metafísico, mas um autêntico exemplo da crise da metafísica que teve suas origens nos filósofos iluministas e atravessou todo o século XIX. A sua metafísica, se existe, é a dos vermes e dos aposentados. Pode haver e há transcendência, mas esta funda não uma metafísica, mas com as rabugens de pessimismo, funda uma estética da desilusão. Como Stendhal, Balzac, Flaubert e Dostoiévski, Machado de Assis é um mestre dos abismos da verdade na pré-história da consciência reificada. A felicidade em Machado é sempre transitória, temporária, está sempre ameaçada de despejo, sempre ameaçada pela "baba de Caim". Não há em Machado um reino dos hiperbóreos ou uma felicidade azul, o que temos são fábulas mutiladas onde as fadas não aparecem mais.

Machado é o principal herdeiro do "tamanho fluminense", uma das principais contribuições de Alencar, e um dos arquétipos do romance urbano brasileiro. Mas só que em Machado "a loucura entra em todas as casas". O sentimento íntimo, o hino nacional da intimidade machadiana, é um antídoto contra a exaltação romântica. Machado furtou-se ao baile de máscaras dos românticos ou como diz Antonio Candido, "a dialética

das máscaras", e nos dá uma espécie de hinterlândia da subjetividade num país de emoções exacerbadamente litorâneas.

Mário de Andrade configurou Machado como o campeão de todas as vitórias da nossa literatura. Machado venceu o menino negro e pobre tornando-se o oficial da rosa na administração imperial, venceu o problema da raça casando-se com Carolina, venceu a própria literatura tornando-se o patrono da academia. Entretanto, há uma outra vitória de Machado, e certamente das mais importantes; a vitória sobre o complexo de bastardia cultural do brasileiro que ele (Machado) consegue com a sua arte literária. A verdadeira província da arte machadiana é o equilíbrio que ele exhibe através do seu estilo, na expressão do universal e do particular com o componente nacional da nossa literatura. Machado descobre desse modo a vacina contra o complexo de bastardia cultural brasileiro, vacina esta que vai ter uso profilático, pelo próprio Mário de Andrade nos sarampões da tradicional família modernista.

A obliquidade machadiana é característica de uma cultura e de uma formação social em transição para o capitalismo, onde as relações sociais encobrem as contradições de um liberalismo problemático de segundo-grau. O liberalismo que fazia parte do receituário da revolução burguesa era adotado no império tropical por uma nobreza latifundiária e escravista. A história oblíqua dessas profundidades de superfície sob o manto do príncipe feliz, criou o animal literário chamado Machado de Assis, obcecado pelas obras completas e pelos vermes triunfantes do futuro. Alguns personagens machadianos parecem executar uma matemática da alma própria dos seres musicais. E, se é verdade como afirma o filósofo Schopenhauer, que a música poderia continuar a existir ainda que o mundo desaparecesse; podemos dizer o mesmo dos seres machadianos, que prolongam a sua existência apesar do mundo que os viu nascer já ter desaparecido. É o caso de Aires, o nosso conselheiro transcendental, o personagem mais kantiano da nossa literatura. A sua razão é a dos fenômenos, a sua vida social é um prazer desinteressado, o amor uma finalidade sem fim. Aires é um pessimista em vias de

libertação pela ascese das esperanças celibatárias. Mas, o importante é que Machado coloca a realidade sob suspeita. A memória é apenas um aposentado ou um defunto de plantão e a história com "seus caprichos de dama elegante" está mesmo é na boca dos cocheiros. Machado coloca-se aqui na melhor tradição do iluminismo kantiano: ousa fazer uso da tua razão, mas desconfia sempre dela.

Podemos dizer de Machado que, como M. Teste, o seu possível não o abandonou nunca. Ou como afirma Goethe nas "conversas" com Eckermann: "O homem não nasceu para resolver os problemas do universo, mas para buscar onde começa o problema e manter-se nos limites do inteligível". Machado é este relógio do possível, acertou o relógio do império pelo relógio da literatura. Para finalizar estas considerações, podemos dizer que em Machado não há um só beijo de reconciliação com a realidade. O que ele nos dá é a sua amargura com a pena da galhofa, e com a tinta da melancolia nada deixa escapar do naufrágio das nossas ilusões.